

# DOSSIÊ

## “Ciências Sociais e Educação”



# Apresentação do Dossiê “Ciências Sociais e Educação”

*Décio Azevedo Marques Saes\**

*Roger Marchesini de Quadros Souza\*\**

Nossa intenção, ao projetarmos o dossiê “Ciências sociais e educação”, foi dupla: a) estimular a reflexão teórica sobre a contribuição das Ciências Sociais para a análise do processo educacional; b) abrir espaço para textos que tornem plenamente visível a dimensão social do processo educacional.

De um modo geral, a educação implica o estabelecimento de relações sociais: a mais direta travada entre professor e aluno, e menos diretamente, mas não menos significativa, entre estes dois e as famílias, gestores e funcionários escolares. Ora, se nos concentrarmos exclusivamente na interação professor X aluno, mesmo a análise puramente teórica e abstrata dessa relação entre dois indivíduos - uma relação diádica de ensino / aprendizagem - exige levar em conta os condicionantes sociais, e mesmo históricos, da ação de ensinar e da ação de aprender. O professor não é apenas “um homem que ensina”. Ele é um indivíduo que exerce uma ocupação específica e, como tal, pertence a uma categoria profissional particular; isto é, a um ente coletivo, que, por sua vez, faz parte de uma entidade coletiva mais ampla: a classe social. Quanto ao aluno: ele não é apenas “uma criança que aprende”. O aluno é membro de uma família nuclear (pais e filhos), que se comporta, nos planos cultural e educacional, conforme o seu “pertencimento de classe” (classe capitalista, classe média, classe trabalhadora). Isso significa que a análise de toda e qualquer relação pedagógica - da relação individual entre

---

\* E-mail: [mdsaes@uol.com.br](mailto:mdsaes@uol.com.br)

\*\* E-mail: [roger.quadros@ig.com.br](mailto:roger.quadros@ig.com.br)

um professor e um aluno à relação entre uma Escola (conjunto de professores e funcionários dos mais diversos níveis) e o seu corpo discente – é sempre uma relação entre agentes de classe distintos, portadores de recursos culturais e disposições ideológicas próprios à classe social de que fazem parte.

O apelo aos conhecimentos propiciados pelas Ciências Sociais (aí incluída a Psicologia Social) é portanto uma condição essencial para a “despsicologização” e desnaturalização das análises sobre a relação pedagógica e o processo educacional. O dossiê ora apresentado visa precisamente estimular a articulação crescente entre as Ciências Sociais e a análise do processo educacional, condição fundamental para a compreensão mais ampla destes processos.

O artigo “Classe social na creche”, de Ana Carolina Marques Câmara e Ana Maria F. Almeida, pesquisadoras da Faculdade de Educação da UNICAMP, apresenta, com base em valiosa pesquisa de campo, as atitudes escolares diferenciadas das crianças inscritas numa creche pública (alunos pertencentes às classes populares) e das crianças inscritas numa creche privada (alunos de classe média alta); e sugere que o quadro institucional, variável de uma unidade escolar para outra, exerce considerável influência sobre o trabalho pedagógico.

O artigo “A introdução do empreendedorismo na educação brasileira: primeiras considerações”, de Silvana Aparecida de Souza, docente da UNIOESTE, examina a difusão social e escolar do ideal do empreendedorismo. Se, inicialmente, essa atitude psicossocial era aconselhada aos empresários, agora o empreendedorismo é apresentado pelo establishment como uma postura a ser inculcada em toda a “cidadania”, o que supõe a sua introdução, a título pedagógico, no sistema nacional de educação. Para a autora, essa movimentação ideológica e institucional está em conexão estreita com objetivos e estratégias próprios à atual etapa de desenvolvimento capitalista.

O artigo “Perspectivas analíticas sobre docência na escola”, de Alda Junqueira Marin, docente da PUC, coloca um tema clássico da Sociologia – os processos de socialização – no eixo da análise do processo educacional, distinguindo as formas

de socialização próprias aos docentes e aquelas peculiares aos discentes; e, ao mesmo tempo, detectando uma diversidade de etapas em tais processos de socialização. O texto propõe, portanto, uma ampliação da análise da dimensão social da relação pedagógica.

O artigo “Sociologia da Educação: campo de conhecimento e novas temáticas”, de Maria da Glória Gohn, docente da UNINOVE, faz um histórico da evolução da Sociologia da Educação, desde o seu aparecimento (praticamente concomitante à implantação da Escola Pública, em fins do século XIX) até as novas tendências de análise (como Apple, Bernstein), capazes de superar a ideia de que o processo de ensino-aprendizagem se reduz essencialmente a um ajuste perfeito entre professores com boa formação científica e didática e alunos altamente empenhados em aprender. A autora também sublinha a importância da Sociologia da Educação no quadro das Ciências Sociais no Brasil: no seu percurso, figuram, em diferentes etapas, nomes da importância de Fernando Azevedo, Lourenço Filho e Florestan Fernandes.

O artigo “Raymond Williams e a produção do conhecimento em educação”, de Sônia Maria da Silva Araújo (da UFPA) e João Colares da Mota Neto (da UEPA), faz o resgate do conceito de “Cultura” proposto pelo pensador britânico Raymond Williams; e enfatiza a possibilidade de colocá-lo a serviço das análises do processo educacional. Os autores partem de uma concepção ampla de cultura, que abarca os elementos de um sistema geral da vida; tais elementos formam, por sua vez, um sistema que, tendo expressão material (língua, tecnologias da escrita, mídia eletrônica, etc.), atua como força produtiva e se relaciona com os sistemas econômico, político, de parentesco e de família.

O texto “Ciências sociais – contribuição para a pesquisa em educação”, de Zeila de Brito Fabri Demartini, da UMESP, relembra os marcos da Sociologia europeia da Educação, lembrando a seguir a importância das conexões entre Ciências Sociais e estudos educacionais na USP, desde a sua fundação até os anos 60, quando Florestan Fernandes, Luiz Pereira, Marialice Foracchi e Duglas Teixeira Monteiro, entre outros, lançariam as bases para o surgimento de uma nova geração de analistas

do processo educacional, já influenciados pelas formulações de Bourdieu e de Althusser. Na última parte de seu texto, a autora evoca o seu trabalho no domínio da reconstituição das trajetórias de vida (onde se inclui a dimensão educacional) de imigrantes, temática a que vem dedicando grande parte de sua energia intelectual.

No artigo “Visões teóricas sobre a história da educação”, Décio Azevedo Marques de Saes, da UMESP, critica a visão fragmentária dos processos educacionais, atribuindo o atual prestígio desse enfoque (que reduz os fenômenos educacionais a fenômenos puramente culturais, desconectados de bases sócio-históricas precisas) à influência da ideologia pós-moderna nos meios intelectuais e acadêmicos. O autor propõe a substituição do enfoque fragmentador por um enfoque totalizante, que analise a evolução do processo educacional na sua conexão com a evolução do sistema econômico, do sistema jurídico-político e do sistema das classes sociais. O enfoque totalizador é aquele propiciado pela teoria materialista da história, cujos fundamentos foram instaurados por Marx e Engels.

Esperamos, com esse dossiê, a partir do enfoque privilegiado – o das Ciências Sociais –, contribuir para os debates e reflexões acerca dos processos educacionais e da importância de sua compreensão como processo marcadamente social.